



Beatriz Marques Brito

CURSO – MEDICINA/UNIFESP

“No momento de fazer a prova, fique calmo, porque, se está sendo difícil para você, está sendo para todo mundo”

Beatriz começou a pensar em cursar Medicina aos 12 anos. Tomou consciência da dificuldade de conseguir vaga para esse curso e lutou firme para isso durante o Ensino Médio no Colégio Etapa. Passou direto na Santa Casa e na UFRJ, mas esperou outro ano até ser aprovada na Unifesp. Agora, está se formando e se preparando para a Residência Médica. Nesta entrevista, ela fala sobre sua trajetória até aqui.

JC – Quando você se formou no colégio? E para qual faculdade foi?

Beatriz – Eu me formei em 2016 e passei direto do 3º ano do Ensino Médio na Santa Casa e na UFRJ, mas decidi esperar mais um ano para ver o que acontecia. Em 2017, estudei no cursinho do Etapa, e, em 2018, entrei na Unifesp.

Como foi a escolha pela carreira de Medicina?

Eu decidi que queria cursar Medicina aos 12 anos, acho que porque eu tive muito contato com médicos nessa época, por causa de problemas de saúde na família. Foi uma escolha meio precipitada, mas, depois, fui conhecendo melhor a carreira e vi que era para mim mesmo, fui me apaixonando pela área.

Em que momento você tomou conhecimento da dificuldade para passar em Medicina?

Acho que aos 13 anos, quando eu estava no 9º ano do Ensino Fundamental. Tive a noção de que Medicina era um dos cursos mais concorridos – se não o mais concorrido – e que seria um desafio muito grande, mas eu estava disposta a enfrentar esse desafio no vestibular.

Como foi o seu início na Unifesp?

Nos dois primeiros anos do curso, tem o ciclo básico, em que você vê matérias de Biologia, Química e Biofísica, então ainda

não tem tanto contato com a área médica. Assim, para mim, parecia mais uma continuação do Ensino Médio, o que me ajudou a me adaptar à faculdade.

Quais atividades extracurriculares você encontrou na Unifesp?

A faculdade é um mundo novo, à parte. Tem várias oportunidades e muitas coisas que você pode fazer. Tem o pessoal da Atlético da universidade, que é muito tradicional, e eles participam de várias competições. Além disso, tem as ligas acadêmicas, como a Liga de Cardiologia, em que o aluno que é novo na faculdade pode entrar e estudar mais sobre uma especialidade. Também é possível fazer iniciações científicas: escrever artigos, participar de congressos, etc. Eu fiz parte do Congresso Internacional da Unifesp, que foi todo realizado em inglês.

Você participou de quais atividades?

No 1º ano da faculdade, participei da Liga de Endocrinologia, que foi muito importante para mim, porque assim pude ter mais contato com a Medicina. Nesse mesmo ano, trabalhei como estagiária no Congresso Brasileiro Internacional de Estudantes de Medicina, o Braincoms, e, no 2º ano, participei novamente, mas como organizadora. Também atuei no cursinho popular da faculdade, o Cuja, que, aliás, usava

ENTREVISTA

Carreira – Medicina

1

ESPECIAL 2

Confira as premiações obtidas pelos alunos do Colégio Etapa

4

ESPECIAL 1

Alunos do Colégio Etapa participam do Ymunt 2023

3

ARTIGO

Popularidade de cigarro eletrônico entre jovens preocupa estudiosos, que temem danos à saúde bucal e novo estímulo à dependência de nicotina

6

material fornecido pelo Etapa. Fui plantonista de Matemática e dei aulas de Biologia por dois anos. Além disso, fiz parte do Departamento de Cultura Científica.

Você fez iniciação científica?

Sim. Fiz iniciações científicas nos 2º, 4º, 5º e 6º anos da faculdade. No 2º ano, estudei um tema que tinha mais a ver com Pediatria e Genética: a pesquisa era sobre mucopolissacarídeos. Nos 4º e 5º anos, pesquisei sobre vitamina B12, nas áreas de Hematologia e Nutrição. Agora, no 6º ano, o projeto é um ensaio clínico para avaliar a terapia de horticultura na evolução de doenças crônicas.

Como foi o seu 3º ano da faculdade, com a interrupção das aulas por conta da pandemia?

Foi uma baita confusão, porque os alunos do meu curso queriam voltar a ter aulas, mas a Unifesp precisava voltar como um todo, em todos os *campi*. Ficamos parados por 3 meses, mas os professores continuaram dando aulas para quem quisesse, e eu fui assistindo a essas aulas. Como passamos um tempo tendo apenas aulas on-line, quando uma parte do curso voltou presencialmente, no final do ano, todas as atividades práticas estavam acumuladas. No 4º ano foi normal: tivemos as aulas teóricas on-line e fizemos as aulas práticas na hora em que tinham que ser feitas.

E como foram o 5º e o 6º ano?

Esses dois últimos anos foram normais. Em 2022, praticamente não tinham mais aulas on-line, a maioria era presencial. Eu fiz o internato médico nesses dois anos, e, como o foco é aprender a parte prática mesmo, treinar como ser médico, temos poucas aulas teóricas nesse período. O internato é muito intenso, porque fazemos plantões de 24 horas e plantões noturnos, das 19 horas às 07 horas, especialmente no 6º ano do curso.

Qual modalidade da Medicina mais te atrai?

Boa parte das pessoas que entram na faculdade de Medicina quer seguir Neurocirurgia e, aos poucos, vai desistindo, por ser uma área muito difícil, embora seja muito glamorosa. Quando eu entrei no curso, não queria atuar na área de Cirurgia, queria seguir Clínica Médica, mas também fui mudando meus interesses ao longo da graduação. No começo, eu gostava muito de Endocrinologia, tanto que eu fiz a liga dessa área, e de Oncologia – recentemente também fiz a Liga de Oncologia. Ao longo do curso, você vai evoluindo e conhecendo outras áreas. Eu, por exemplo, conheci mais sobre o médico do sangue, o hematologista, que eu não sabia direito que existia e gostei também. Os 6 anos da faculdade são muito transformadores, tem gente que entra querendo fazer Geriatria e acaba escolhendo Pediatria, que são áreas totalmente diferentes.

Além do ciclo básico, o que você viu no 1º ano da faculdade?

No 1º ano, eu tive: Bioquímica; Biofísica; Anatomia; Embriologia; Histologia e Fisiologia; além de Introdução às Práticas Científicas e Introdução às Práticas Médicas – para ter o gostinho de colocar o jaleco e ver pacientes.

E nos anos seguintes, quais matérias você teve?

No 2º ano, tive: Microbiologia; Imunobiologia; Parasitologia; Farmacologia; Bioestatística; Anatomia Topográfica; Patologia; e também uma matéria chamada SUS, que mostra a história do SUS e como ele funciona. No 3º e no 4º ano, o curso tem mais

Semiologia, então você aprende a atuar como médico: o que perguntar para o paciente, como fazer o exame físico, etc. Nesses dois anos, entramos em contato com várias especialidades, estudamos praticamente todas. No 5º ano tem mais trabalho em ambulatório: atendemos sozinhos muitos pacientes, passando o caso para o professor fazer a supervisão. Já no 6º ano, atuamos mais no pronto-socorro, o que é bem puxado, com plantões de 12 horas à noite ou de 24 horas.

Você se lembra de quando tratou o seu primeiro paciente?

O primeiro paciente que atendi de fato foi na Liga de Endocrinologia. Era um paciente compartilhado entre eu, uma aluna do 3º ano e uma outra do 4º ano, então não era uma relação médico-paciente. A primeira vez em que tive uma relação médico-paciente foi no 4º ano, quando atendi uma mulher grávida de 8 meses. Foi algo simples: ela estava com sangramento gengival, então eu indiquei que tomasse um pouco de vitamina C, e deu certo, foi muito legal.

Você já tem uma ideia do que vai fazer na Residência Médica?

Eu vou prestar Clínica Médica. Dura dois anos e é um pré-requisito para várias outras áreas, como Oncologia, Endocrinologia, Cardiologia, etc., então vou ter esses dois anos para decidir de fato qual vai ser a minha especialidade.

Como é o exame para a Residência?

O exame é como um vestibular: cada instituição tem uma prova. A diferença desse processo para o vestibular é que, nesse caso, você já é médico, então, se você não passar, pode trabalhar em uma UBS ou em pronto-socorro, assim, você consegue ganhar dinheiro e não fica parado. Na prova da Escola Paulista, a 1ª fase tem 100 questões de múltipla escolha, a 2ª fase tem 50 questões mais uma prova prática, e, ainda, tem uma 3ª fase com entrevista. Já na USP, o exame é um pouco diferente, tem uma 1ª fase, com uma prova de questões de múltipla escolha e dissertativas, e uma 2ª fase, com a entrevista.

Tem algum cursinho para se preparar para essas provas?

Tem cursinho sim, porque o conteúdo das provas é bem específico, então perceberam que é algo que a gente precisa, já que uma coisa é o que aprendemos na universidade, e outra é o que é cobrado nessa prova. Eu estou fazendo um cursinho presencial, mas existem vários que são on-line.

Com relação à Residência, como é, no geral, o processo dos alunos da Unifesp?

O pessoal do curso de Medicina da Unifesp geralmente pensa em prestar para a USP ou para a Escola Paulista direto do 6º ano. Às vezes, não dá tempo de estudar para o exame da Residência durante a faculdade, e muita gente não passa por conta disso, então o pessoal trabalha durante o primeiro ano de recém-formado e, assim, consegue estudar melhor. Muitos também costumam fazer provas para Residência em outros lugares, para se garantir.

Como você vê a época em que estudou no Etapa?

Foi uma época muito boa, em que aprendi e me desenvolvi muito como pessoa. Eu estudava bastante e tinha vários amigos que pensavam como eu, então foi muito bom. Tive bastante suporte nos estudos, com as aulas de Olimpíada e os professores que me ajudavam.

E para quem vai prestar Medicina no final do ano, você tem alguma dica para dar?

Façam as provas dos vestibulares anteriores e valorizem os simulados, fazendo e conferindo a correção, porque eles são muito importantes. Para quem tem entre 17 e 20 anos, a aprovação pode parecer uma coisa muito distante, mas tudo isso vai valer a pena, e vocês vão ver que ficar mais tempo no cursinho não vai ser ruim, muitas pessoas fazem isso.

É preciso ter uma rotina de estudos, mas também manter um *hobby*, escutar música, praticar alguma atividade física; fazer outras coisas que não sejam relacionadas aos estudos, para relaxar e não ficar nervoso. No momento de fazer a prova, fique calmo, porque, se está sendo difícil para você, está sendo para todo mundo. No vestibular, não importa você acertar muitas questões, mas sim estar entre os 100 primeiros classificados.

ESPECIAL 1



Alunos do Colégio Etapa participam do Ymunt 2023



Alunos do Etapa Model United Nations (Emun) – atividade extracurricular do Colégio Etapa em que os membros simulam reuniões nos moldes dos comitês da Organização das Nações Unidas (ONU) – foram convidados para participar do Yale Model United Nations Taiwan (Ymunt) 2023, que ocorreu tanto no formato on-line quanto no presencial, entre os dias 24 e 26 de março.

No evento, o grupo se dividiu para participar de dois comitês: o Squid Game e o United Nations Framework Convention on Climate Change (UNFCCC). Enquanto o primeiro abordou as questões sociais levantadas pela série homônima, o segundo debateu os investimentos em questões climáticas e a redução das emissões de gases do efeito estufa.

Destaque para as participações de Glória Takagui Dias, que conquistou o prêmio Best Delegate; e de Daniel Soares Janzantti Sabino e Luis Eduardo Pedreira Soares, que foram condecorados com Honorable Mentions pelo comitê organizador.

O evento também organizou alguns *workshops* para o seu público, sendo 3 deles transmitidos para os estudantes que participaram no formato on-line:

- **Creative Storytelling:** os participantes aprenderam mais sobre como contar uma história de maneira envolvente por meio de imagens e/ou palavras;
- **Effective Altruism:** os jovens puderam entender melhor as diferentes maneiras de causar um impacto benéfico e efetivo no mundo;
- **The Art of Politics:** os delegados exploraram a intersecção entre a arte e a política e conseguiram entender melhor como o ativismo pode ser feito de maneira criativa.

Confira a relação dos alunos do Colégio Etapa que participaram do Ymunt 2023

- **Glória Takagui Dias** – recebeu o prêmio Best Delegate por representar o VIP 3 no comitê Squid Game
- **Daniel Soares Janzantti Sabino** – conquistou o prêmio Honorable Mention por representar a China no comitê UNFCCC
- **Luis Eduardo Pereira Soares** – chefe de delegação, foi condecorado com o prêmio Honorable Mention por representar o Anfitrião/VIP 1 no comitê Squid Game
- **André Hiroki Matsudo Pinto** – representou o Jogador 004 no comitê Squid Game
- **Heitor Marques Franco** – representou a República Democrática e Popular da Argélia no comitê UNFCCC
- **Manuela Miranda Buesa** – representou o Vendedor no comitê Squid Game
- **Maria Clara Hernandez dos Santos** – representou a Jogadora 008 no comitê Squid Game
- **Maria Fernanda Sant’Efemia David Demarchi** – representou o Reino Unido no comitê UNFCCC
- **Matheus Santos Bernardes Ferreira** – representou o Bairein no comitê UNFCCC
- **Pietra Ferreira Yotsuya** – representou a Alemanha no comitê UNFCCC
- **Roberto Crepaldi Neto** – representou os Países Baixos no comitê UNFCCC
- **Vivian Felicio Guedes Garcia da Silveira** – representou a Jogadora 001 no comitê Squid Game

Sobre o Yale Model United Nations Taiwan

Organizado pela Associação de Relações Internacionais da Yale University, o Ymunt realizou, em 2023, a sua 9ª edição. O evento tem a missão de oferecer oportunidades para que estudantes do Ensino Médio possam se envolver na organização de conferências e liderar reuniões de comitês nos moldes da ONU.



TAIWAN